

Parte 1

Neste ano de 2001, no primeiro semestre, em preparação ao Congresso Eucarístico Nacional, "A Tribuna" publicará artigos do Dr. Evaristo Eduardo de Miranda relacionados à Eucaristia. Este artigo será complementado na próxima edição.

Ecologia e Eucaristia

A liturgia bizantina diz que, no Monte Tabor, não foi Jesus quem se transfigurou, mas as escamas que caíram dos olhos dos apóstolos. E eles viram, enfim, diante de quem estavam. Jesus era sempre Jesus. Eles é que não o viam. Mas ao descer do Monte Tabor, a capa de argila retomou seu lugar e seus olhos deixaram de ver o extraordinário para voltar a enxergar o ordinário.

A presença cosmológica e a dimensão

Arquivo



ecológica na eucaristia nunca deixaram de existir. Mas se sempre estiveram presentes, adquiriram uma invisibilidade preocupante. Na celebração eucarística, o olhar dos fiéis e celebrantes, recoberto pelas escamas do antropocentrismo, pouco ou nada vê. A individualização e o intimismo são tão fortes na participação eucarística que a beleza do Cosmos, de onde deriva a palavra cosmética, fica esquecida. Mas a presença do Cosmo e da natureza também estão ausentes da vida e da consciência cotidiana. Como celebrar com os frutos da terra, quando a própria Terra é destruída pela ambição desmedida e pela ignorância simplista dos humanos? A que preço ecológico e a que custo ambiental estão sendo obtidos esse trigo e essa uva? Esse pão e esse vinho não deveriam ser o sinal da vida que permite a vida, da unidade das formas de vida sobre a Terra?

Crescer ou Multiplicar?

Quantas moradas de animais, quantas formas de vida e de mistério não foram erradicadas, destruídas e queimadas para satisfazer nossos desejos de mesa farta? O crescimento da humanidade não tem nem terá limites? A ordem divina, dada aos humanos, no relato da criação fora: cresci e multiplicai-vos. Ainda hoje isso continua sendo entendido de forma exclusivamente quantitativa. Ultrapassamos os seis bilhões de habitantes! Como se a ordem divina houvera sido: multiplicai-vos, no sentido biológico do termo. Ora, isso é algo que não requer uma ordem divina já que qualquer animal sabe fazê-lo e o humano também. A ordem é sempre e em primeiro lugar

qualitativa. Crescei!

Crescei interiormente. Crescei enquanto humanidade. Crescei enquanto semelhança divina. Crescei espiritualmente. Crescei em consciência profunda e não na inconsciência desordenada. Crescei para poder multiplicar esses frutos do amadurecimento. Crescei para poder multiplicar! Mas infelizmente isso tem sido entendido como uma ordem, um plano de Deus para que ocupássemos o planeta e dominássemos - no pior sentido do termo - a obra da criação da qual deveríamos ser cuidadosos partícipes, no sentido ecológico mais estrito possível.

No pão e no vinho não estão somente os frutos do trabalho humano, mas os dons da Terra e do trabalho dos animais e vegetais. Foram bilhões de seres atuando no solo, nas raízes, nas folhas, no ar, na água, no fermento e em todo o caminho que permitiu a maravilha destes frutos luminosos. E seguirá trabalhando em nossos intestinos, na defesa de nossos organismos, e até na degradação de nossos excrementos e de nossos corpos. A teia ecológica é infinita e trabalha silenciosamente há muito mais tempo do que muitos imaginam.

As descobertas científicas sobre a ecologia, a Terra e o Universo mostram o quanto é infinito e insondável o plano de Deus. O que nós chamávamos de plano de Deus era e será sempre uma percepção muito tênue e aquém de seus insondáveis desígnios. Dentro dessa perspectiva pode-se retomar, não com bases panteístas, mas dentro de um enfoque absolutamente novo, a questão da criação, seu destino escatológico e a dimensão eucarística.

A ciência demonstra: a vida que nos tornou possível, também tornou possível os golfinhos, as baleias, as árvores, as araras e os chimpanzés. A mesma corrente de vida nos mantém vivos. Nós todos, vegetais e animais, superiores e inferiores. Nada permite descartar que esse fenômeno não esteja ocorrendo em outros corpos celestes. Origem comum, destino comum? Todos seres vivos estariam destinados a algum tipo de imortalidade ou de perenidade? Ou seu destino seria o de desaparecer frente à expansão desenfreada dos humanos?

Criação e Evolução

A vida surgiu sobre a Terra há cerca de quatro bilhões de anos. Foi lenta e recente a evolução dos antropóides, ao longo dos últimos milhões de anos, até o atual momento da hominização. Essas descobertas questionam visões religiosas e filosóficas do homem e do Cosmos, construídas em



Adilson Amalito

contextos históricos muito diversos do atual. Até pouco tempo acreditava-se num surgimento rápido e quase instantâneo da vida sobre a Terra e tinha-se como certa a imutabilidade dos seres vivos, seguindo uma visão aristotélica baseada na imutabilidade dos seres vivos, hoje superada.

Ao contrário das visões criacionistas de muitas religiões, a ciência demonstrou a permanente evolução de todos os sistemas físicos e biológicos existentes no Universo, mas não somente no sentido da dialética heraclitiana do *panta rei*, do tudo passa. Nada é fixo. E a ciência derruba sem cessar os seus próprios paradigmas fixistas: a imutabilidade das espécies de Cuvier, a imobilidade da Terra no centro do universo criado por Ptolomeu, a concepção mecanicista de Descartes que considerava toda matéria como inerte e até a mecânica de Newton, que via o mundo como um relógio perfeitamente ajustado. Nenhuma dessas visões resistiu ao progresso do pensamento científico, mesmo se nossa compreensão do mundo e do universo continua aproximativa e fragmentada. Hoje a Teoria da Relatividade de Einstein e a visão da física quântica trabalham com um espaço multidimensional muito diferente da nossa idéia comum de espaço e de tempo. Amanhã essas visões do mundo real serão mais uma vez corrigidas